



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
MATERNIDADE ESCOLA



PROGRAMA DE ATENÇÃO INTEGRAL À SAÚDE MATERNO-INFANTIL

DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL PRIMITIVO:
TEORIA DE WINNICOTT

Heloisa Sampaio

Rio de Janeiro
2017

HELOISA SAMPAIO

DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL PRIMITIVO:
TEORIA DE WINNICOTT

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Pós-graduação do Programa em Atenção Integral à Saúde Materno-Infantil da Maternidade Escola da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Especialista em Atenção Integral à Saúde Materno-Infantil.

Orientadora: Dr. Marisa Schargel Maia

Rio de Janeiro

Agosto/2017

S192 Sampaio, Heloisa

Desenvolvimento emocional primitivo: teoria de Winnicott /
Heloisa Sampaio. – Rio de Janeiro: UFRJ / Maternidade Escola,
2017.

42 f.

Orientador: Marisa Schargel Maia

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Maternidade Escola,
Programa de Atenção Integral à Saúde Materno-Infantil, 2017.

Referências bibliográficas: f.41-42

1. Teoria Psicanalítica. 2. Desenvolvimento infantil. 3. Relação
mãe-filho. 4. Saúde materno e infantil – TCC. I. Maia, Marisa
Schargel. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Maternidade
Escola, AISM. IV. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

DEDICATÓRIA

Ao meu querido avô João, meu grande exemplo de honestidade e perseverança.
À minha amada mãe, que na sua presença e na sua ausência, sempre guiou meus estudos.

AGRADECIMENTOS

À Deus por ter iluminado meu caminho em todas as minhas conquistas acadêmicas, me transmitindo sabedoria para atuar como instrumento de vossa paz.

Ao meu amado pai, Osmar A. Sampaio, por nunca ter deixado meus sonhos morrerem, por acreditar na minha capacidade de voar e por sempre ser oferecer apoio aos meus vãos.

Ao meu irmão Thomas Sampaio, meu grande companheiro de vida, por sempre me lembrar dos meus objetivos e me auxiliar escolher a melhor forma de alcançá-los.

Ao meu irmão Felipe A. Sampaio e minha irmã Maria Cecília A. Sampaio, por despertarem a minha melhor versão, pelos seus sorrisos e abraços que alimentam a minha alma.

À minha prima Maria Clara A. Mancini, por seu amor ter germinado em mim todo meu potencial amar.

À minha avó Celina P. Sampaio, minha grande amiga e meu grande exemplo de autenticidade e alegria.

À minha avó Evanira A. Daltio, por ter sempre acolhido minhas dores e alegrias e por ser meu refugio preferido.

À minha madrastra Edméia A. Sampaio, pelo amor e carinho que dedica a mim, aos meus irmãos e ao pai, por manter nossa família sempre unida e fortalecida.

À Marcia R. Bento e Fabiana A. Paes (Bibi), por serem grandes companheiras vidas e por zelarem tão bem de mim e de minha família.

À minha Tia Marcia A. S. Clemente (Tia Tata), por guardar todas minhas confidencias e me orientar nas mais diversas questões.

À minha Tia Luciana Sampaio, por ter depositado em mim o seu carinho quando mais precisei.

À minha Tia Solange Dechandt, pela inspiração de nunca ter se contentado com o óbvio.

À Valéria G. Fagundes e Emy Rowe, por seu carinho e amparo nos momentos difíceis.

Aos meus amigos de infância e juventude, pelas histórias que escrevemos e ainda continuamos a escrever juntos.

Aos meus professores de Infância e Juventude, em especial, Tia Nani, Tia Isa, Tia Petria, Tia Suzam, Tia Ediméia, Berenice, por terem ensinado com amor.

Aos meus professores Universitários, em especial, Silvana Bormio, Regina Furigo, Larissa Helena, Florêncio Costa Jr, Marilene Di Flora, e a querida Thelma. M. M. dos Santos, pela inspiração e espírito crítico.

As Professoras Vera Iaconelli, Solange Frid e Liane A de M. Bastos, pelo entusiasmo e ensinamentos.

À minha professora e orientadora Marisa Schargel Maia, por sua delicadeza, ensinamentos e orientações; uma grande inspiração.

À minha interlocutora Jane G.P. Nogueira, pelo respeito, orientações e dedicação na leitura deste trabalho.

À Portaria da Maternidade Escola, pelos sorrisos acolhedores em todas as manhãs de aula.

À Biblioteca da ME, em especial à Bibliotecária Janaina, por ter me auxiliado na revisão deste trabalho.

Ao setor de ensino da Maternidade Escola, por serem sempre muito solícitos.

Em especial, agradeço aos meus pacientes, por acreditarem em meu trabalho e confiarem a mim suas confidências.

Por fim, aos demais familiares, amigos que de alguma forma me motivaram a seguir meus sonhos.

RESUMO

SAMPAIO, H. **Desenvolvimento emocional primitivo**: Teoria de Winnicott, 2017. 42f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização)-Programa de Atenção Integral à Saúde Materno-Infantil, Maternidade Escola, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

A teoria de D. W. Winnicott revolucionou a história da Psicanálise inaugurando um campo teórico que evidencia a importância do 'ambiente facilitador' para o amadurecimento do ser humano. Sua teoria, como nenhuma outra até então, na história da Psicanálise, se debruça sobre os estudos dos primórdios da vida e de como a relação da díade mãe-bebê é essencial para o desenvolvimento emocional saudável nos primeiros anos. Apesar de extremamente inovador, a importância da teoria de Winnicott pode passar despercebida pelo leitor desavisado, uma vez que suas obras têm uma linguagem simples e o diferencial científico fica sutilmente "entre linhas". Esta Revisão de Literatura Narrativa tem o objetivo de facilitar a compreensão dos principais conceitos da teoria de Winnicott. Devido a sua relevância científica, é de extrema importância que a suas contribuições atinjam não só os profissionais de psicologia/psicanálise/psiquiatria, mas também os profissionais de diversas áreas, que atuam direta e cotidianamente com a díade mãe-bebê.

Palavras-chave: Teoria Psicanalítica. Desenvolvimento Infantil. Relação Mãe-Filho

ABSTRACT

D. Winnicott's theory revolutionized the history of psychoanalysis by inaugurating a theoretical field that highlights the importance of the 'enabling environment' for the maturation of the human being. His theory, as no other hitherto in the history of psychoanalysis, has focused on early life studies and how the mother-baby dyad relationship is essential for healthy emotional development in the early years. Although extremely innovative, the importance of Winnicott's theory may go unnoticed by the unsuspecting reader, since his works have a simple language and the scientific differential is subtly "between the lines." This Narrative Literature Review aims to facilitate the understanding of the main concepts of Winnicott's theory. Because of its scientific relevance, it is of paramount importance that its contributions reach not only professionals in psychology / psychoanalysis / psychiatry, but also practitioners in different areas, who act directly and daily with the mother-baby dyad.

Keywords: Psychoanalytic Theory. Child development. Mother-Son Relationship

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 Objetivos	13
1.1.1 Objetivo geral.....	13
1.1.2Objetivos específicos.....	13
1.2 Justificativa	13
1.3 Metodologia	14
2 REFERENCIAL TEÓRICO	15
2.1 Desenvolvimento emocional primitivo	15
2.2 Ambiente facilitador	17
2.3 Preocupação materna infantil	19
2.4 Handling	21
2.5 Holding	22
2.6 Apresentação do objeto ..	24
2.7 Mãe suficientemente boa	25
2.8 Mãe (relativamente) desnecessária	27
2.9 Dependência absoluta	28
2.10 Dependência relativa	29
2.11 Espaço transicional	30
2.12 Objeto transicional	32
2.13 Brincar	34
2.14 Verdadeiro <i>self</i>	35
2.15 Falso <i>self</i>	36

3 DISCUSSÃO	38
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41

1 INTRODUÇÃO

Nascido em 1896, em Plymouth, costa sudeste da Grã-Bretanha, Donald Woods Winnicott cresceu em uma cidade a frente do seu tempo; modera, contava com boa estrutura de transporte público, como ferrovias e bondes. O comércio era muito próspero, uma vez que cidade tinha uma importância turística crescente e abrigava a principal base da marinha Real Britânica. Nesse cenário, a família de Winnicott, que era de comerciantes, garantiu uma boa estabilidade financeira a partir do espírito criativo, empreendedor e político de seu pai.

Em 1900, quando Winnicott completava apenas 4 anos de idade, a Psicanálise nascia, a partir dos escritos do psiquiatra Austro-húngaro Sigmund Freud. Devido à originalidade de seus conceitos, a obra psicanalítica causou grande alvoroço na sociedade científica e civil. Ao estabelecer um novo conceito de estrutura e funcionamento psíquico, e, por conseguinte uma nova compreensão dos conceitos: doença e tratamento; Freud influenciou uma gama de estudiosos, dos quais, mais tarde, Winnicott fará parte.

O percurso de formação teórica e prática percorrido por Winnicott lhe ofereceu experiências singulares que serão o germen de sua teoria. Ainda muito jovem, aos 14 anos foi enviado para um internato, onde permaneceu até ingressar na Universidade de Cambridge. Entre 1914 e 1918, interrompeu seus estudos universitários para servir como médico e auxiliar de cirurgia em um navio durante a Primeira Guerra Mundial. Um ano após o fim da guerra, Winnicott, ainda em formação médica, envia uma carta a sua irmã Violet no qual descreve o seu primeiro contato com as obras de Freud. Aos 24 anos, Winnicott se graduou em medicina. Em 1923 começa a trabalhar como pediatra no Hospital Paddington Green Childrens - criando inicialmente para atender crianças pobres e de rua – e lá permaneceu em atuação pelos próximos 40 anos. Em 1927 Winnicott inicia sua formação psicanalítica, concluindo 8 anos mais tarde. Durante esse sua formação, serviu na Segunda Guerra como consultor psiquiátrico de um programa governamental que acolhia crianças que haviam sido evacuadas de seus lares.

Winnicott “foi um colaborador de jornais médicos, psiquiátricos e psicanalíticos, e também escreveu para revistas destinadas ao público em geral, nas quais discutia problemas das crianças e das famílias” (FEBRAPSI, 2017). Também

se apresentou em programas de rádios e em diversas palestras e cursos que ministrou.

A Sociedade Psicanalítica Britânica, durante seus primeiros 28 anos teve todos os seus associados desenvolvendo teses embasadas a partir de um único corpo teórico, o descrito por Freud. Entretanto, na década de 30/40, Melanie Klein traz em seus escritos uma revolução teórica na qual alguns conceitos importantes eram incompatíveis com a teoria já existente. Em 1941, essa grande controvérsia teórica divide a Sociedade Psicanalítica em duas vertentes, seguidores de Freud – os Freudianos - versus seguidores de Melanie Klein – os Kleinianos. Winnicott não concordava com corpo teórico centrada no Édipo¹ desenvolvido pelas duas polaridades. “Há certas coisas em que Freud veio a acreditar que parece para Winnicott e outros psicanalistas, não serem de modo algum corretas” (WINNICOTT, 2013a), por tal motivo instaurou um grupo intermediário – MiddleGroup – que buscava “não incidir no erro de pensar que se pode avaliar um homem ou uma mulher sem levar em conta seu lugar na sociedade” (WINNICOTT, 2016). Sua importância científica pode ser reconhecida pelos inúmeros cargos de relevância e convites que lhe foi oferecido durante sua vida. Foi: Presidente do comitê de investigação da Associação Psicanalítica Internacional; Por duas vezes Presidente da Sociedade Britânica de Psicanálise; Conferencista do Departamento de Desenvolvimento Infantil do Instituto de Educação da Universidade de Londres; Eleito membro honorário da Real Associação de Médicos-psicólogos; e recebeu o título de Cavaleiro, umas das mais altas honras da realeza Britânica, oferecido em reconhecimento pelo seu trabalho prático e acadêmico.

Winnicott revolucionou a história da psicanálise inaugurando um campo teórico que evidencia a importância do ‘ambiente facilitador’ para amadurecimento do ser humano. Descreveu, a partir de sua experiência com mais de 60 mil crianças e suas mães (seja em relação à ela, ou em relação à falta dela), uma teoria que “fala sobre a coisa que as mães fazem bem, e que assim o fazem simplesmente porque toda mãe dedica-se à tarefa que tem pela frente, isto é, cuidar de um bebê” (WINNICOTT, 2013b). Sua teoria, como nenhuma outra até então, na história da psicanálise, se debruça sobre os estudos do primórdio da vida e de como a relação

2 ¹ Conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais. Laplanche e Pontalis (1992)

da díade mãe-bebê é essencial para o desenvolvimento emocional saudável nos primeiros anos.

Amplamente difundida nos dias atuais, a Teoria de Winnicott é considerada um dos principais corpos teóricos psicanalíticos sobre o amadurecimento do psiquismo primitivo e seus desdobramentos na face adulta. Apesar de sua relevância, sofre inúmeras críticas por reduzir a relação inicial do bebê apenas à mãe. Os estudiosos da teoria rebatem a crítica e explicam que a partir de uma leitura crítica e aplicada da obra, é possível encontrar inúmeras vezes Winnicott referindo-se aos cuidados do pai, familiares e/ou substitutos, ou seja, quando Winnicott fala da mãe, não está se referindo exclusivamente à mãe biológica, mas sim a todo adulto que se coloque a disposição sensível ao bebê, exercendo a função materna.

Um excelente orador, e como grande parte dos ingleses, um extraordinário escritor, as obras de Winnicott são de fácil leitura, mas de intensa complexibilidade. Sua Produção acadêmica Psicanalítica conta com 16 livros, publicados antes e depois de sua morte, os quais reúnem escritos, palestras e transcrições de suas participações em programas de rádios, congressos e cursos. O presente texto busca facilitar ao leitor a compreensão teórica dos conceitos-chaves necessários para o desenvolvimento emocional saudável no início da vida, elaborado por Winnicott, utilizados no curso de pós-graduação multiprofissional em “Atenção Integral da Saúde Materna Infantil”, oferecido pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Devido à sua relevância científica, é de extrema importância que as suas contribuições atinjam não só os profissionais de psicologia/psicanálise/psiquiatria, mas também os profissionais de diversas áreas, que atuam direta e cotidianamente com a díade mãe-bebê. A estrutura textual deste trabalho foi elaborada em capítulos independentes, ou seja, os capítulos podem ser lidos e compreendidos separadamente, sem ser necessária a leitura completa do trabalho. Claramente, a riqueza da compreensão da teoria se expande e se completa com a leitura total. A obra literária de Winnicott é de grande extensão e amplitude temática, desta forma, o leitor poderá perceber que os conceitos não foram esgotados nessa pesquisa. Tampouco será feita referência ao desenvolvimento anormal e suas consequências, nem será feita menções sobre as intervenções possíveis.

1.1 Objetivos

1.1.1 Geral

Revisar os principais conceitos da Teoria de D. W. Winnicott estudados no curso de pós-graduação em Atenção Integral à Saúde Materna Infantil oferecida pela Maternidade Escola da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

1.1.2 Específicos

Facilitar a compreensão dos principais conceitos da Teoria do desenvolvimento emocional primitivo de D. W. Winnicott para jovens estudantes e leigos.

1.2 Justificativa

Winnicott foi um autor Psicanalítico que utilizou o seu desejo em tornar a psicanálise acessível ao público geral, e se sua criatividade para criar novos termos e conceitos teóricos. Grande parte do seu corpo teórico foi desenvolvido através de palestras, aulas e entrevistas em rádios. “É uma obra fracionada, constituída de pequenos artigos, geralmente destinada a diferentes públicos” (DETHIVILLE, 2013, p.6). Devido à sutilezas de sua obra, um leitor desavisado pode compreender erroneamente seus conceitos, e até mesmo passar despercebido a sua contribuição teórica e prática à ciência Psicanalítica.

No curso de especialização em atenção integral materno infantil, oferecido pela Maternidade Escola da Universidade Federal do Rio de Janeiro é possível

identificar, devido a multidisciplinaridade dos alunos, que as obras de Winnicott ainda tem muitos campos a adentrar, muitos desconhecem os conceitos, demonstram interesse em compreendê-lo e aplicá-lo em sua prática profissional, entretanto encontram grande dificuldade em assimilar a teoria. “Apesar das abundantes referências, o pensamento de Winnicott continua bastante desconhecido em muitos aspectos” (DETHIVILLE, 2013, p.5).

Descrever os conceitos de Winnicott, de tal forma que facilite a leitura e estudo de leitor torna-se uma ferramenta diferenciada para a formação das novas turmas do curso de especialização, além de poder ser utilizada nos mais diversos contextos acadêmicos e sociais.

1.3 Metodologia

Este trabalho acadêmico foi realizado através da Revisão Narrativa de Literatura, cujo o método dispensa obrigatoriedade de esgotar as fontes de informação. A reunião e análise do conteúdo teórico não segue critérios explícitos, sofisticados e exaustivos (CORDEIRO et al., 2007).

Foi realizado o levantamento dos principais conceitos de Winnicott ensinados e discutidos nas aulas da pós-graduação em Atenção Integral à Saúde Materna Infantil oferecida pela Maternidade Escola da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

As obras selecionadas para referenciar o trabalho foram escolhidas conforme a disponibilidade da Biblioteca da maternidade escola e os acervos particulares da autora. Pontualmente foi feita busca de referência via internet, em busca de fontes fidedignas da biografia do autor.

Posteriormente foi iniciada a leitura das obras e a catalogação, selecionando o material de interesse. A redação foi seguida de pontuais alterações sugeridas pela orientadora e bibliotecária. Os conceitos de Winnicott foram descritos do trabalho de tal forma que a leitura deste possa ser feita independente, não havendo a necessidade de leitura prévia de qualquer outra parte do corpo textual.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Desenvolvimento emocional primitivo

Nos primeiros anos de vida da criança, pode-se observar uma intensa aquisição de aptidões e a ampliação em sua capacidade de se relacionar com o mundo. “Muitas coisas acontecem no primeiro ano de vida da criança: o desenvolvimento emocional tem lugar desde o princípio” (WINNICOTT, 2013a, p.5), sobretudo nos primeiros anos de vida do ser humano, no qual, ainda bebê, invariavelmente está em dependência do cuidado de outra pessoa, que se diferencia de qualquer outra por estar em uma disposição complexa e sensível ao bebê, decodificando e metabolizando suas necessidades. “Só um ser humano pode conhecer um bebê de forma a possibilitar uma complexidade de adaptações cada vez maior, e graduada de acordo com as transformações necessárias do bebê” (WINNICOTT, 2013b). “Há algo na mãe de um bebê que a torna particularmente qualificada para proteger seu filho nessa fase de vulnerabilidades, o que a torna capaz de contribuir positivamente com as claras necessidades da criança” (WINNICOTT, 2013a, p.5). Devido às disposições biológico-hormonais da gestação e aos atravessamentos sociais na construção da parentalidade², as mães biológicas obtêm inúmeras condições relacionais e práticas que favorecem sua identificação com o bebê, além, é claro, do fato dela mesma já ter sido um, e tem lembranças inconscientes de tê-lo sido. Assim, a mãe desenvolve um estado de identificação emocional muito sensível ao seu filho, o que a torna expertise sobre as necessidades deste.

No início da relação mãe-bebê estão em jogo dois tipos distintos de identificação: a identificação da mãe com o seu filho e o estado de identificação do filho com a mãe. (WINNICOTT, 2013a, p.21). “É necessário reconhecer a enorme diferença que deve haver entre a psicologia da mãe e a da criança. A mãe é uma pessoa sofisticada, o contrário daquilo que o bebê é inicialmente” (WINNICOTT,

² Expressão que diz respeito ao processo de transformação psíquicas que ocorre no casal, no decorrer da gestação e pós-parto desencadeando em cuidados sensíveis e trocas afetivas entre pais e filho.

2013b, p.30). A partir da sua identificação a mãe torna-se devotada ao seu filho. Já o bebê, que a princípio não tem consciência de sua dependência, a identificação permite a ilusão de que ele e sua mãe são um só, se fundem em uma única unidade e se bastam emocionalmente. Essa relação que se estabelece entre a mãe e seu filho recém-nascido é de 'dependência absoluta', na qual a mãe é todo o ambiente que o bebê necessita. "Gradualmente, a dependência torna-se em certa medida conhecida pela criança" (WINNICOTT, 2013a). tornando a dependência do bebê pela mãe relativa. O bebê adquire, então, capacidade psíquica e físicas para explorar o ambiente, mas ainda sim "sente a necessidade de alguns fatores do cuidado materno" (WINNICOTT, 1990b. p46). Tanto em um estágio, como no outro "a realidade da dependência do bebê de seu ambiente constitui-se no mais importante dos fatores determinantes do desenvolvimento emocional", pois é só a partir da dependência que o ser humano tem oportunidade de se vislumbrar sua independência (ABRAM, 2000). Uma relação bem sucedida entre mãe-bebê nessas duas etapas no desenvolvimento possibilita à criança o caminhar rumo à independência legítima, segura e autêntica. O "Desenvolvimento emocional do indivíduo, em essência, é a passagem da dependência absoluta à independência" (ABRAM, 2000), que só é possível a partir do amparo físico e psicológico do ambiente.

Certamente "há uma tendência ao desenvolvimento que é inata e que corresponde ao crescimento do corpo e ao desenvolvimento gradual de certas funções. Assim também há um processo evolutivo no desenvolvimento emocional" (WINNICOTT, 2013a, p.5). Entretanto, "essa progressão, não é apenas expressão da tendência inata da criança a crescer; este crescimento só pode ocorrer se processar numa outra pessoa uma adaptação muito sensível às necessidades da criança" (WINNICOTT, 2013a, p.6). O "crescimento natural não se contata na ausência de condições 'suficientemente boas" (WINNICOTT, 2013a, p.5).

Os primeiros anos de vida do bebê são a base na qual todo o desenrolar do desenvolvimento emocional posterior irá se assentar. A oferta de um ambiente 'suficientemente bom' nos primórdios da vida é nascente que desembocará em um ser humano criativo - que reconhece seus desejos e necessidades, e cria caminhos adaptados ao ambiente para concretizá-los. Pode-se dizer, que "os bebês quando bem cuidados rapidamente estabelecem-se como pessoas, cada um deles diferente de todos os outros que já existiram ou existirão" (WINNICOTT, 2013a).

Presume-se para que o Desenvolvimento Emocional Primitivo seja saudável, é necessário que o ambiente ofereça subsídios mecânicos e afetivos, contínuos e estáveis, em uma relação afetuosa e singular, frequentemente executado pela mãe, constituindo assim, um indivíduo que se reconhece como único, adaptado ao ambiente, empático ao outro e seguro de si. “Pode-se afirmar que a história do desenvolvimento infantil é uma história de dependência absoluta, que avança firmemente através de graus decrescentes de dependência, e vai tatenado, em direção à independência” (WINNICOTT, 2013b, p.73).

Nesse sentido, a saúde mental de qualquer indivíduo está relacionado ao seu desenvolvimento emocional primitivo dada pela relação mãe-bebê . É a partir desse processo que o ser humano, ainda bebê, inicia a construção de autoconsciência, compreendendo-se como uma unidade que se relaciona com o ambiente – natureza, pessoas e objetos – o que o viabiliza a reconhecer também como alguém responsável pela manutenção e transformação do ambiente, desde o familiar ao social, afinal “uma sociedade “madura” apresenta uma qualidade que é aliada à maturidade individual que caracteriza seus membros” (WINNICOTT, 2013b).”A saúde social, depende da saúde individual” (WINNICOTT, 2016, p.3), ou seja, um ser humano saudável é aquele que se adapta e não se funde ao mundo, reconhecendo-se como alguém único, capaz de se ajustar as regras sociais e responsável por manter e transformar o ambiente, do qual também faz parte. É um ser humano que cria e inova, considerando as necessidades e limitações de si e do ambiente. Um legítimo cidadão democrático.

E pensar que tudo começou com a mãe.

2.2 Ambiente facilitador

Como um fruto ainda verde, que nasce no pé com todo potencial de vir a ser, dependendo da saúde da árvore para maturar. O bebê chega ao mundo com suas tendências inatas rumo ao progresso. Ele está intimamente dependente de sua mãe para sobreviver e se desenvolver de forma saudável. “Devido à extrema dependência emocional da criança, seu desenvolvimento ou sua vida não podem ser estudados à parte da consideração do cuidado que lhe é oferecido” (WINNICOTT,

2013a, p.5). “Nos estágios iniciais a dependência do ambiente é tão absoluta que não há utilidade alguma em pensarmos no novo indivíduo humano como sendo ele a unidade” (WINNICOTT, 1990a, p.153).

Nos primeiros meses de vida, o bebê ainda muito frágil, encontra na mãe tudo aquilo que necessita. Ela é “a única pessoa realmente indicada para adaptar-se às necessidades do bebê, necessidades sinalizadas de formas tais que exigem a sutileza de atendimento da mãe verdadeira” (WINNICOTT, 1990a). De forma intuitiva, ela, responde as demandas do bebê em prontidão e com assertividade. “É através desse estado sensível denominado ‘preocupação materna primária que a mãe se constitui no primeiro ambiente especializado para receber o bebê” (ABRAM, 2000)

A mãe atenta oferece suporte suficiente para o desabrochar do bebê de forma íntegra. Essa “provisão ambiental suficientemente boa na fase inicial da vida possibilita o bebê dar início a sua existência, a experimentar, a constituir o ego, a dominar as pulsões e a enfrentar todas as dificuldades inerentes à vida” (WINNICOTT, 1992, p.303). (da psicologia a psicanálise). Ou seja, “onde o ambiente de facilitação – que deve ser humano e pessoal – possuir características suficientemente boas, as tendências hereditárias de crescimento que o bebê tem podem, então, alcançar seus primeiros resultados favoráveis” (WINNICOTT, 2013b, p.8). “Pode-se dizer que um ambiente satisfatório é aquele que facilita as várias tendências individuais herdadas” (WINNICOTT, 2016, p.4).

Naturalmente, à medida que o bebê fica um pouco mais velho, vai adquirindo habilidades para se reconhecer como um ser humano diferente da mãe, e para se adaptar ao ambiente e suas regras. Inversamente proporcional à esse progresso, a necessidade de dependência pela mãe vai se enfraquecendo e se tornando relativa. “A adaptação mãe-filho vai diminuindo de acordo com a crescente necessidade que o bebê tem de experimentar reações à frustração” (WINNICOTT, 2016, p.4). É nessa passagem, entre a dependência absoluta para a relativa, que o bebê se depara com a realidade e começa a reconhecer um mundo além da mãe. Assim, o ambiente facilitador se expande às “funções paternas, completando as funções da mãe, e às função da família, que a partir de uma maneira cada vez mais complexa (à medida que a criança fica mais velha) introduz a criança no princípio de realidade” (WINNICOTT, 2016) “Aos poucos vai se introduzindo: as tias e tios, os vizinhos, os primeiros grupinhos da criança e por fim a escola. Essa introdução

gradual do ambiente externo é a melhor maneira de levar a criança a entrar em bons termos com o mundo mais vasto” (WINNICOTT, 2013a, p.60). Em diferentes momentos e de diferentes formas, ambiente facilitador é todo ser humano que oferece ao bebê suporte necessário para que ele se sinta ao mesmo protegido e apto a se aventurar em novas descobertas. É apenas através do ambiente facilitador que o bebê humano atinge todo seu potencial de ser.

2.3 Preocupação materna primária

Semanas anteriores e posteriores ao nascimento do bebê, a mãe encontrasse em um estado emocional denominado Preocupação Materna Primária, que se constitui por uma mãe devotada (ao bebê) comum. Um período de identificação visceral, que antecede e sucede semanas do parto, no qual a sensibilidade da mãe em relação às demandas do bebê encontra-se exacerbadas. A mãe, “está preparada para uma experiência na qual ela sabe, muitíssimo bem quais são as necessidades do bebê” (WINNICOTT, 2013b, p.4) e oferece à ele, em prontidão e assertividade, as respostas de sua demanda.

É através desse mecanismo, que a mãe adquire a capacidade impressionante de intuir as necessidades, discernindo as diferenças sutis, de cada demandas do bebê. “E não há nada de místico nisso. Afinal de contas, ela também já foi um bebê, e traz com ela as lembranças de tê-lo sido” (WINNICOTT, 2013b, p.4). A mãe se identifica com bebê por “possuir lembranças inconscientes do que é ter sido um bebê e de também ter sido cuidada. Essas lembranças podem auxiliar quanto prejudicar suas experiências como mãe” (WINNICOTT, 2013b).

Incontestavelmente, “o bebê tem necessidade vital de que alguém facilite os estágios iniciais dos processos de desenvolvimento da personalidade mais imatura e absolutamente dependente, que é a personalidade humana” (WINNICOTT, 2013b, p.7). A identificação da mãe ao seu filho recém-nascido é uma característica absolutamente necessária para a manutenção da saúde física e psicológica do bebê.

“Se o bebê recém-nascido pudesse falar, diria “necessito de algo, mas não sei de quê, porque nasci há pouco”. Como resposta, a mãe que escuta o choro provocado pela fome diz a si mesma, “reconheço esse choro; ele me

faz lembrar de um sentimento que tive quando era recém nascida, fico feliz em poder aliviar essa necessidade. Vamos tentar” (ABRAM, 2000, p.152).

A relação entre a mãe e o bebê cria as condições necessárias para que se manifeste “o sentimento de unidade entre duas pessoas, que de fato são duas, e não apenas uma” (WINNICOTT, 2013b, p.5). “Tanto criança quanto mãe estão psicologicamente fundidos no princípio da vida do bebê” (ABRAM, 2000, p.186). Essa relação de simbiose possibilita a mãe responder a demanda do bebê, no mesmo instante em que surge a necessidade, sem, muitas vezes, existir um grande espaço de tempo entre o desejo do bebê e a oferta do objeto de satisfação.

A partir da ‘preocupação materna primária’ “Começa a existir uma afinidade egóica entre mãe e bebê (WINNICOTT, 1992, p.303). Apesar de desde seus primeiros instantes o bebê carregar consigo seu ego (muito frágil a princípio), ele encontra na mãe, a partir de sua sensibilidade, o impulso para maturá-lo. Esse processo (de identificação) funciona como uma vara de pescar: ela captura todo o potencial de vir a Ser do bebê e o traz para o mundo relacional, permitindo assim, o bebê continuar a ser. “Uma continuidade de ser satisfatória apenas é possível inicialmente se a mãe houver ingressado no Estado de Preocupação Materna Primária, o qual tem seu desenvolvimento gradual, transformando-se em um estado de intensa sensibilidade no decorrer e, em especial, quando se aproxima o término da gestação” (WINNICOTT, 1992) “e comumente se recupera nas semanas e meses, que se segue ao nascimento do bebê, em que grande parte, ela (a mãe) é o bebê, e o bebê é ela” (WINNICOTT, 2013b).

“A mãe que desenvolve o estado denominado “preocupação materna primária” fornece um espaço para que a constituição do bebê possa aparecer, as tendências do desenvolvimento se revelem e para que o bebê experimente movimentos espontâneos, denominando as sensações apropriadas a essa fase precoce da vida (...)” (WINNICOTT, 1992, p 304)).

Gradativamente, semanas após o parto, esse estado sensível que a mãe desenvolve vai se enfraquecendo, e o tempo de resposta entre o desejo do bebê e a manifestação da mãe vai se estendendo, produzindo um espaço temporal suficiente para o bebê compreender que o objeto que o satisfaz não é se sua autoria. Apenas sento, no princípio, uma unidade com a mãe é que o bebê pode se sentir e posteriormente se separar desta, e assim prosseguir seu desenvolvimento rumo a independência.

É a partir do estado de preocupação materna primária que a mãe inicia realização três funções de importantíssima necessidade para a constituição do psiquismo do bebê: ela manipula o corpo do bebê; metaboliza suas necessidades; e lhe apresenta o objeto. “Todos esses três campos inserem-se nas primeiras semanas de vida do bebê” (ABRAM, 2000, p.151). As mães executam essas funções rotineiramente, dia após dia. “É apenas através da monotonia que uma mãe pode ter êxito em aumentar sua riqueza” (ABRAM, 2000, p.155) Desta forma, ela oferece à criança um ritmo, constância, continuidade, frequência e estabilidade que auxiliaram na constituição do psiquismo em desenvolvimento.

O estado de ‘Preocupação Materna Primária’ faz da mãe um ambiente facilitador especializado no bebê, e mesmo com o enfraquecimento dessa sensibilidade, após algumas semanas, o funcionamento das funções continuam presentes, em menor exacerbação, nas mães que se tornam ‘suficientemente boas’ para seus filhos.

2.4 Handling

O *handling* é uma das funções que a mãe exerce rotineiramente, através da manipulação cuidadosa do corpo do bebê nas atividades diárias como: amamentação, troca de fralda, banho e tantos outros momentos que o contato físico da mãe proporciona ao bebê a possibilidade de iniciar a construção de sua noção corporal. A partir desse toque afetuoso que o bebê começa a desenhar seus contornos e caracteriza - lo como algo agradável. É com toda certeza uma questão fundamental “que a criança precisa ser segurada por uma pessoa cuja necessidade de envolvimento emocional esteja em jogo, assim como as respostas fisiológicas” (WINNICOTT, 1989, p.264).

‘A maioria dos bebês têm a sorte de serem bem segurados na maior parte do tempo. A partir daí, eles adquirem confiança em um mundo amigável, mas, o que é ainda mais importante, por terem sido segurados suficientemente bem, tornam-se capazes de atravessar bem todas as fases de seu desenvolvimento emocional muito rápido’ (WINNICOTT, 2013b, p.54).

A manipulação e os cuidados ao corpo do bebê facilitam a formação da compreensão de um corpo integrado, inteiro e organizado, no qual a mente se assenta e se relaciona. Pode-se concluir que é a partir do corpo daquele que cuida que o bebê conhece o seu próprio corpo. É a partir do toque do outro que o bebê vai reconhecendo seus contornos, suas limitações e suas habilidades.

O toque (*handling*) no bebê, o auxilia na construção da sensação de que seu corpo aloja o seu Eu, autêntico e único, diferente de todos os demais. “O toque que é suficientemente bom inaugura uma “psique que habita a soma”. (ABRAM, 2000, p.138), “Com uma sequência de toque amoroso, o bebê passa a sentir que seu corpo constitui-se nele mesmo e/ou que seu sentimento de *self* centra-se no interior de seu próprio corpo” (ABRAM, 2000, p.138). Esse processo de reconhecer o corpo como a morada do seu EU se dá o nome de personificação. Desta forma, a função de *handling* ganha notória importância uma vez que é indispensável no processo de integração corpo e mente. Pode-se afirmar que “a base da personalidade estará sendo bem assentada se o bebê for segurado de uma forma mais satisfatória” (WINNICOTT, 2013b, p.54).

Com o desenvolvimento, o bebê que antes estava em completa dependência de sua mãe, começa a se compreender como alguém distinto dessa e portanto tem necessidade de um suporte emocional para se assegurar e explorar o mundo a sua volta. Assim sendo, outro viés é acrescentado às funções de *handling*. Ele se desdobra em proteção não só corporal, mas também psicológica. Ou seja, a função de *handling* - proteção e contorno do corpo do bebê-estendida em diversas situações nas quais o bebê se sente protegido por saber que seu corpo está cercado por proteções que advêm não só mais de sua mãe, mas também daqueles que estão em prol de assegurar sua integridade - família e grupos sociais mais próximos. “Os cuidados com as crianças giram em torno do termo “segurar”, principalmente se permitirmos que seu significado se amplie à medida que o bebê cresce e que seu mundo vai se tornando mais complexo” (WINNICOTT, 2013b, p.54). Assim o cuidador que desempenha satisfatoriamente a função de *handling* é capaz de oferecer a criança: segurança, firmeza, amparo, tranquilidade, apoio, continência, garantias, impedimentos e precauções (WINNICOTT, 2013b, p.53)

2.5 Holding

Holding é a função mais complexa e intuitiva que a mãe exerce no cuidado com o bebê. Essa função se dá pela capacidade da mãe em metabolizar o conteúdo projetado pelo bebê e devolve-lo já simbolizado. Ou seja, a mãe tem a capacidade de reconhecer a demanda específica do bebê, interpretá-la e respondê-la com assertividade, levando “em conta a sensibilidade da pele do bebê: o toque, a temperatura, a sensibilidade auditiva, a sensibilidade visual, a sensibilidade do cair (uma ação da gravidade) e a falta de conhecimento por parte do bebê da existência de alguma outra coisa que não o *self*” (WINNICOTT, 1990b)

Essa função se estende além dos cuidados físicos – nutrição, higiene e proteção – e perpassa pelos cuidados psicológicos, no qual a mãe na função de ego-auxiliar, auxilia o bebê a conter seu corpo e suas emoções, simbolizando essas sensações, sem deixar de considerar toda sua singularidade. “É apropriado a esse estágio que alguém atue apenas através do amor, do amor que carrega consigo a capacidade de identificação com o bebê, além de um sentimento de que a adaptação às necessidades é que vale a pena” (WINNICOTT, 2006, p.148)

É pelo amor que a mãe se torna um corpo-auxiliar, capaz de sustentar, resistir, sobreviver e aceitar as falhas do bebê, acolhendo esse corpo frágil de forma afetuosa e segura, fornecendo-lhe experiências simbólicas que edificam sua personalidade. A mãe ao emprestar seu ego, sem perder sua personalidade independente, ao filho, lhe proporciona a oportunidade de iniciar seu progresso maturacional. É nessa disposição empática e rotineira, que a mãe se torna ponto de referência para o bebê e o organiza para enfrentar a realidade externa.

Ao metabolizar os conteúdos internos de seu filho, a mãe que exerce o *holding* de forma saudável, leva em consideração toda a singularidade do bebê e não impõe a ele os seus próprios conteúdos. “Deve-se sempre respeitar a integridade do bebê ao tentar suprir as suas necessidades, respeitando-o como um ser humano distinto de outro, o que forçosamente inclui o direito a ser diferente” (ABRAM, 2000).

Aos poucos a identificação mãe-bebê vai se enfraquecendo, pois o bebê já dispõe do seu próprio ego, não necessitando de um auxiliar. Ele já se reconhece como um indivíduo, e caminha em exploração com o seu próprio *self*, suficientemente seguro de si, por saber que há alguém que zela intimamente por ele.

“É em função do *holding* suficientemente-bom que o bebê torna-se apto para desenvolver a capacidade de integrar a experiência e desenvolver um sentimento de “Eu sou” (eu)” (WINNICOTT, 2006, p.148)

2.6 Apresentação do objeto

Apresentar o objeto (ou o manejo corporal) que satisfaça o desejo do bebê é função do ‘ambiente facilitador’, no qual a mãe, que devido a sua identificação com o bebê, tem, quase sempre, assertividade nessa função. Não se trata apenas do objeto apresentado em si, mas também a forma como ele é apresentado, e investido de significado.

A intensa identificação entre mãe e bebê, permite à eles um potencial de comunicação que, muitas vezes, não abarca a consciência. “Há coisas muito sutis que a mãe sabe por intuição e sem qualquer apreciação intelectual daquilo que está acontecendo com o bebê” (WINNICOTT, 2013b, p.55). Ela “conhece coisas que o bebê ainda não é capaz de conhecer. Por esse motivo ela saberá que quando o bebê chora, o faz por uma razão específica” (ABRAM, 2000, p.152). Não há ninguém mais especializado no bebê do que a sua própria mãe, que devido a sua sensível identificação, reconhecer com assertividade as necessidades de seu filho.

A função de apresentar o objeto é fundamental para que o bebê desenvolva em seus primórdios a ilusão de onipotência – devido prontidão e assertividade da mãe em apresentar o objeto que satisfaça a demanda do bebê, ele tem a ilusão de ser o criador do objeto.

“... temos que aceitar o paradoxo de que aquilo que o bebê cria já se encontrava ali, e que, na verdade, a coisa que o bebê cria é parte da mãe que foi encontrada. O fato é que a coisa não estaria ali se a mãe não estivesse naquele estado especial que dá às mães condições de estar presentes mais ou menos no momento e no lugar certo. Isto se chama adaptação às necessidades, que permite ao bebê descobrir o mundo de forma criativa” (WINNICOTT, 2013b, p. 56).

Esse processo de demanda e resposta estabelecido pela mãe e seu filho lança “as bases de um relacionamento humano. É a partir daí que se estabelece o padrão da capacidade da criança de relacionar-se com objetos e com o mundo”

(ABRAM, 2000, p.55). O seio materno (ou seu substituto, como a mamadeira) é o objeto com maior apresentação no estágio inicial de vida do bebê, certamente por conter em uma só apresentação a satisfação fome, mas também o acolhimento nos braços da mãe, cheiro e temperatura, além da comunicação através do olhar. “É o oferecimento do seio materno no momento apropriado que proporciona ao bebê o sentimento de que isto é tudo que ele necessita” (ABRAM, 2000, p.152).

A ilusão de onipotência que o bebê carrega como característica em seus primeiros dias o protege de fontes de angústia que seriam insuportáveis para o psiquismo ainda muito frágil. Mas conforme sua maturação, a onipotência já não se faz mais necessária e deve declinar para que o bebê percorra seu caminho rumo à independência. A mãe, muito perspicaz, se adapta ao desenvolvimento do bebê, através de suas falhas, ou seja, gradativamente a mãe oferece ao bebê experiências de frustrações à apresentação de objetos. O bebê aos poucos entende que ele e sua mãe são pessoas distintas, e que de fato o objeto apresentado não é de sua autoria. Assim, o bebê se depara com a existência do mundo externo, no qual ele poderá se aventurar.

“Naturalmente, à medida que o bebê fica um pouco mais velho, a vida vai se tornando cada vez mais complexa. As falhas de adaptação por parte da mãe são, elas próprias, uma adaptação à necessidade crescente da criança de reagir à frustração..” (WINNICOTT, 2013b, p.57).

A criatividade como resquício da fase de onipotência, irá auxiliar o bebê, a criar diversas maneiras inusitadas para ir em busca dos objetos que deseja. A mãe certamente estará por perto provendo limites e proteção, e eventualmente oferecendo os objetos, mas sem tamanha prontidão e assertividade como de início. Uma falha saudável garante ao bebê um espaço para ele marcar sua posição enquanto indivíduo rumo à independência; ao reconhecimento dos seus desejos; e destemido em busca do objeto que deseja. Nesse estágio, a mãe não oferecerá diretamente o objeto com tanta frequência, mas continua sendo uma facilitadora para que o bebê possa buscá-lo por si só.

2.7 Mãe suficientemente boa

Sem idealismos e utopias, ser suficientemente boa para seu filho, significa que a mãe comum pôde nas primeiras semanas de vida do bebê se identificar visceralmente com as necessidades de seu filho e após algumas semanas, com o enfraquecimento dessa identificação, deu gradativamente espaço às falhas maternas, também necessárias para que o bebê pudesse reconhecer o ambiente externo e se identificar como uma unidade distinta de sua mãe. Além disso, a ‘mãe suficientemente boa’ respeita o bebê em sua autenticidade e seu crescente desenvolvimento de habilidades e o declínio inversamente proporcional de dependência pela a sua mãe.

“A mãe é essencial para a teoria do desenvolvimento emocional de Winnicott. Para o bebê ela é o primeiro ambiente, tanto em termos biológicos quanto psicológicos. A maneira como a mãe se comporta e se sente em relação a seu filho exercerá uma grande influencia sobre a saúde do bebê – particularmente durante a gravidez e logo após o nascimento – pelo resto da sua vida” (ABRAM, 2000, p.141).

O desempenho suficientemente bom da maternagem é procedente da Preocupação Materna Primária – estado no qual a mãe está exacerbadamente identificada com o bebê – que lhe oferece um estado psíquico no qual ela tem capacidade de segurar, entender o bebê e lhe oferecer o que deseja com assertividade e prontidão. Nas primeiras semanas de vida do bebê, esse estado de sensível de identificação declina e abre espaço para que o bebê siga em direção a sua independência; a mãe continuará reconhecer seu filho como único e persistirá lhe oferecendo cuidados singulares, entretanto ela motiva seu filho a necessitar cada vez menos de seu suporte. Assim, a ‘mãe suficientemente boa’, é aquela que desempenha um posicionamento de aceitação e proteção, respeitando limites e habilidades que se desenvolvem com o bebê.

A expressão ‘Suficientemente’ faz referência a mãe comum, adequada, sem nada de mais” (DETHIVILLE, 2011, p.10), o grande intuito do uso desse conceito é evitar idealizações sob a função materna. Nesse sentido, “o melhor que uma mulher real pode fazer com um bebê é ser suficientemente boa de uma forma sensível (WINNICOTT, 1987b, p.38). Nem perfeita, nem negligente, mas uma mãe suficientemente boa, e sensível às demandas do bebê. Não se trata de padrões utópicos, mas de uma relação de correspondência às necessidades da criança. É o

adulto sensível e afetuoso, que não se sufoca em exigências, respeitando seus limites e que se apresenta rotineiramente, auxiliando na integração do corpo e a mente do bebê. “Fica bastante claro que qualquer que seja a importância dada por Winnicott à natureza do papel materno no cuidado dispensado ao bebê, ele não parece ser romântico, nem mesmo sentimental” (ABRAM, 2000, p.147).

A Preocupação Materna Primária em síntese é uma qualidade humana de se colocar à uma disposição sensível ao outro, o bebê, que necessita de um adulto para estruturar seu psiquismo. Essa identificação visceral dispensa perfeição mecânica.

2.8 Mãe (relativamente) desnecessária

Para auxiliar o bebê a desenvolver suas habilidades inatas, a mãe de um recém-nascido o captura de seu ensimesmamento, através da identificação exacerbada, conhecida como ‘preocupação materna primária’, oferecendo ao bebê experiências, que na maioria das vezes será de satisfação, sobre as quais ele irá desenvolver sua personalidade. Gradualmente, a mãe vai oferecendo ao bebê falhas nos cuidados, pois há declínio dessa identificação visceral e uma inata necessidades do bebê de ir rumo a sua independência, desta forma o cuidado que anteriormente era bastante assertivo, passam a ter gradualmente maior probabilidade de insatisfação, o que impulsiona o bebê ir, por si só, em direção aos seus desejos. “Com o tempo, o bebê começa a precisar da mãe para ser malsucedido em sua adaptação” (WINNICOTT, 2013b, p.5). Pode-se dizer que a ‘mãe suficientemente boa’ é aquela que a principio é absolutamente necessária e gradativamente vai se tornando desnecessária.

Ser desnecessária implica, certamente, em ter sido anteriormente necessária; e é exatamente por esse processo que as mães caminham. Ainda nós primeiros meses de vida, o bebê tem necessidade de que sua mãe esteja em um estado psíquico denominado ‘Identificação Materna Primária’, oferecendo ao bebê tudo que lhe é necessário, em prontidão. Nesse estágio, o tempo entre o desejo do bebê e a oferta do objeto desejado é muito pequena, assim o bebê crê que tudo que deseja, ele cria. Essa ilusão é fundamental, para que posteriormente o bebê tenha a

desilusão dessa onipotência e assim pode gradativamente reconhecer a cisão entre mundo interno e externo. “Seria muito aborrecido (para a criança) continuar vivenciando uma situação de onipotência quando ela já dispõe dos mecanismos que lhe permitem conviver com as frustrações e as dificuldades do seu meio ambiente” (WINNICOTT, 2013b). Além disso, a mãe, após mergulhar no universo da maternidade e se envolver de forma visceral com seu filho, e vê-lo nascer enquanto sujeito, sente a necessidade de (relativamente) se desligar do bebê, afinal “o prazer da mãe também está relacionado a sua capacidade de aproveitar a vida, a partir de suas interações sociais, longe do bebê” (WINNICOTT, 1987a , p.26-27)

A mãe, então, vai desligando sua intensa identificação com o bebê, respondendo suas demandas sem tanta prontidão, pois agora ele já dispõe de um psiquismo que suporta às falhas do ambiente. “Com o tempo, o bebê começa a precisar da mãe para ser malsucedido em sua adaptação” (WINNICOTT, 2013b, p.5). Assim ela que anteriormente era absolutamente necessária vai gradativamente se tornando desnecessária. Essas falhas, quando bem dosadas, já não oferecem prejuízo ao bebê, tornam-se alimento para o desenrolar criativo da criança, afinal, ele terá que criar formas de se comunicar e encontrar os objetos que deseja.

Essa passagem do desenvolvimento primitivo, no qual a mãe menos identificada com o bebê comete mais falhas na resposta às demandas, traz grandes ganhos para o psiquismo em desenvolvimento. Agora o bebê consegue estabelecer uma gama de relações com pessoas e objetos. Pode-se dizer que é só a partir das falhas da mãe que o bebê se entende como um sujeito único, reconhece realidade interna e externa e vai, de forma criativa, buscar a satisfação de seus desejos de forma adaptada a realidade social.

2.9 Dependência absoluta

“O bebê não existe!”
Winnicott

Em seus primórdios, invariavelmente ele e sua mãe são um só. Sem o outro, o recém-nascido nada seria. Por este ser “um ser humano, imaturo e extremamente dependente, e também um indivíduo que está tendo e armazenando experiências”, a sua primeira relação com o mundo é de dependência absoluta (WINNICOTT, 2013b,

p.55). Não conseguimos conceber sua existência sem que haja um adulto ao seu lado, assim, toda vez que “um bebê é apresentado, certamente também será apresentado alguém que cuida desse bebê” (WINNICOTT, 1992). A organização psíquica de um recém-nascido ainda é muito primitiva e incompatível com a independência, sem um adulto, ele não seria incapaz de sobreviver.

Visceralmente sensível às demandas do bebê, a ‘suficientemente boa’, está disponível para oferecer ao bebê aquilo que ele necessita, responde prontamente e assertivamente aos chamados, e oferecendo sentido aos desejos e comportamentos do filho. O tempo entre o desejar do bebê, e a oferta da demanda pela mãe é tão pequena, que o bebê tem a ilusão de que ele mesmo cria aquilo que necessita. É como se ele pensasse: “eu desejo, logo eu crio” (DESCARTES, 2008). Para alimentar essa ilusão de onipotência, a mãe em estado de ‘atenção materna primária’ é atenta às necessidades e habilidades do bebê, auxiliando em sua adaptação ao mundo, lhe oferecendo subsídio para o seu desenvolvimento. “Esse apoio do ego materno facilita a organização do ego do bebê (WINNICOTT, 2013b, p.9).

Nessa primeira etapa de vida, apesar do bebê ser totalmente dependente, ele não tem consciência disso. Ainda não diferencia o eu do não-eu. Em sua fantasia, ele e mãe são um só e por isso se bastam.

Esse vínculo complexo, com caráter de dependência absoluta, possibilita ao bebê os seus primeiros registros de experiências, sobre as quais irá fortalecer seu psiquismo. Conforme o bebê desenvolve habilidades para se adaptar ao mundo, esse vínculo de dependência entre ele e sua mãe vai se afrouxando, mas ainda sim, se faz necessário. “Por volta de seis meses o bebê já está saindo desse estado que de identificação com sua mãe” (WINNICOTT, 2013a, p.23). Só então ele estará preparado para, gradativamente, reconhecer sua dependência e posteriormente almejar sua independência.

2.10 Dependência relativa

No primeiro estágio do desenvolvimento emocional primitivo, o bebê está em dependência absoluta com a mãe, sem ela não poderia sobreviver.

Simultaneamente, a mãe, no início da sua experiência de maternagem, está exacerbadamente sensível às demandas do bebê. Essa configuração, na qual o bebê se sente simbiotizado com mãe, e esta, por sua vez, responde as suas demandas com prontidão e assertividade, permite ao bebê a formação de uma ilusão de onipotência – crê, ele e sua mãe, ser uma única unidade, assim sendo, crê que a pessoa que deseja e a mesma que oferece o objeto de satisfação. É ele! O bebê, em sua ilusão de onipotência, se basta.

Conforme o desenvolvimento maturacional do bebê progride, a sensibilidade da mãe as demandas do bebê declina. Ela continua respondendo as necessidades do bebê, mas agora com menor prontidão e assertividade. O surgimento desse hiato entre o desejar do bebê e a oferta do objeto de satisfação é importantíssimo para o desenvolvimento emocional primitivo, pois é só a partir da experiência de falha de resposta da mãe, que o bebê nota que nem tudo o que ele deseja aparece.

Com o tempo de resposta aumentando e assertividade diminuindo, a ilusão de onipotência criada pelo bebê vai reduzindo e aos poucos ele vai se reconhecendo como uma unidade distinta da mãe. Fadidamente se deparará com o fato de que o autor do desejo é distinto do autor do objeto de satisfação, sendo um fruto da sua realidade interna e o outro da realidade externa, respectivamente. Desta forma, o bebê inaugura o seu Eu, distinto do não-eu. Essa movimentação deve ser orquestrada de forma gradual, para que o bebê compreenda que o fato do objeto de sua satisfação não ter sido criado a partir do seu desejo não anula a sua existência. Ele deve persistir desejando e aprimorando suas habilidades para encontrar o objeto, ou seu substituto, no mundo externo. Deve continuar desejando e expressando seu desejo.

Na ‘dependência relativa’ o bebê, enfim compreende que o objeto que lhe satisfaz não é sua criação, o que não significa que ele seja inalcançável, entretanto agora deverá utilizar de sua criatividade para tê-lo.

2.11 Espaço transicional

Nos primeiros meses de vida, o bebê irá percorrer uma trajetória entre ser absolutamente dependente, rumo a sua dependência relativa à mãe. Ele adquire,

com seu amadurecimento, habilidades para explorar e se relacionar com o mundo, com gradativa diminuição da necessidade de sua mãe. Essa passagem é de intensa movimentação psíquica; o bebê irá ter que lidar, pela primeira vez, com a desilusão ao se deparar com a realidade de que ele e a mãe não são uma mesma unidade, ou seja, ele reconhece que o objeto que satisfaz suas necessidades está externo a ele, pertence a outro, logo, ele já não se basta como acreditava. Apesar de o bebê ser desde o início dependente, é na 'dependência relativa' que pela primeira vez ele reconhece sua dependência.

Antes de compreender o mundo externo como tal, o bebê vivencia um período onde seu psiquismo ainda utiliza mecanismos tanto da fase de 'dependência absoluta', quanto da 'dependência relativa'. Ele vai incorporando gradativamente habilidades de reconhecer o mundo externo, ensaiando e adquirindo habilidades para poder lidar com as regras sociais que o mundo o exporá. Essa transição oferece ao bebê suporte psíquico, uma vez que seria muito danoso lidar abruptamente com a 'desilusão da onipotência' - quando o bebê percebe que ele não é criador de todos seus objetos de sua satisfação -e com a 'angústia de separação' de sua mãe, sensação essa que o bebê tem ao se compreender distinto de sua mãe e por isso a pessoa que o auxilia a satisfazer seu desejo pode ou não estar por perto – é o reconhecimento de sua dependência.

No espaço transicional, por haver ao mesmo tempo estruturas psíquicas correspondentes à fase de 'dependência absoluta' e de 'dependência relativa', a mãe é entendida como duas figuras distintas: uma que remete a mãe que o satisfaz integralmente; e a outra como a mãe que frustra e impõe regras. A mãe boa e a má, a mãe assertiva e a mãe que falha, respectivamente. A mãe boa para o bebê é aquela que o cuida, protege e o acolhe. Essa imagem é resquício da fase de 'dependência absoluta', na qual a mãe estava muito sensível ao bebê e respondia quase todas as suas demandas com prontidão e assertividade. Já a faceta de mãe má, é fruto da realidade externa, é a mãe que impõe limites, obrigações e exerce poder sobre a criança. É aquela que muitas vezes o bebê ataca utilizando suas armas – brinquedos, tônus, excremento, choro.

Ao perceber que a mãe má e a mãe boa são, na verdade, a mesma pessoa, o bebê se angustia, sente-se culpado por ter eventualmente atacado a mãe que ama. O bebê busca, então, reparar essa experiência, muitas vezes, presenteando a mãe com objetos ou com gestos de ternura. A 'mãe suficientemente boa' nessa

etapa é aquela que é 'suficientemente má' - capaz de introduzir o bebês a regras - adequando, assim, seu filho a condição de sujeito.

Integrando as facetas da mãe em uma só pessoa, o bebê inicia a integração dos próprios conteúdos internos. Ao desinvestir da fase transicional, o bebê já tem capacidade de se diferenciar dos demais, e se reconhecer como uma unidade, também consegue lidar e expressar suas demandas através do agir, falar e do brincar. Sua dependência de outro torna-se cada dia menor. Agora ele já é capaz de se entender como um corpo separado da mãe e sobreviver as suas falhas, sendo essa acionada sempre nos momentos de excessos, nos quais o bebê encontra-se limitado para lidar sem ela.

No final dessa fase, a mente e o corpo do bebê já está integrado, o bebê já é capaz de reconhecer que dentro dele há conteúdos de cunho pessoal e que há, ao mesmo tempo, um mundo externo que exige algumas habilidades e adaptações. É através do Espaço transicional que o bebê, de forma branda, torna-se uma pessoa única e que reconhece sua relação com o ambiente.

2.12 Objeto transicional

Em seu início e vida o bebê precisa acreditar que é o criador de tudo aquele que almeja, de tudo aquilo que o satisfaz. Aos cuidados da mãe, que se encontra no estado de Atenção Materna Primária, – aquela que responde em prontidão e assertividade a demanda do filho – o bebê tem a ilusão de que é o criador do objeto que o satisfaz, uma vez que ao desejar, o objeto “magicamente” aparece.

Uma vez estabelecida a ilusão de onipotência, é papel da mãe desiludi-lo. Ela passa a responder a demanda do bebê em maior tempo e menor assertividade. Conforme as falhas se acentuam, a realidade do mundo vai se revelando. Aos poucos, o bebê começa a perceber que ele é algo distinto da mãe, logo os objetos que o satisfaz é externo a ele. Nesse processo, ele defronta-se com a sua dependência e pequinês. É um rei que perde toda sua majestade!

Com esse processo o bebê atravessa um período do seu desenvolvimento no qual ele inicia a construção da fronteira do eu e do não-eu. Para lidar com a angústia de se reconhecer separado de sua mãe, é comum os bebês fazerem um

uso de objeto transicional. Um importante fenômeno do desenvolvimento humano. Pela primeira vez o bebê identifica um objeto não-eu e que ao mesmo tempo é ele, uma paradoxo – o gérmen da capacidade de simbolizar.

Em geral, os objetos são de grande familiaridade aos cuidados da mãe - uma roupa, cobertos, panos, pelúcia, melodia de ninar, movimento de sucção. Embora seja um objeto externo, ainda sim, carrega características de objeto interno, devido ao significado e uso que o bebê faz, crendo que o objeto é uma extensão da mãe. Ou seja, o objeto transicional não só simboliza a mãe, como, para o bebê, o objeto é a mãe – a mãe boa, aquela que nos primórdios oferecia tudo que ele necessitava. Aos olhos de um adulto, o objeto é um simples objeto. Aos olhos do bebê o objeto carrega tudo aquilo que ele necessita. É nesse espaço transicional, através do uso de objetos e fenômenos transicionais que o bebê torna-se, posteriormente, capaz de simbolizar.

Em suas primeiras experiências com a realidade externa, o bebê encontra no objeto transicional um espaço de segurança. O seu uso funciona como um amortecedor de impacto, assim, o bebê não recebe a realidade externa de forma abrupta e invasiva. Além disso, o “objeto é uma das pontes que tornam possível o contato entre o mundo interno do indivíduo e a realidade externa” (WINNICOTT, 2006, p.149). Um espaço de comunicação entre os dois mundos, interno e externo.

Antes o bebê acessava satisfação de suas necessidades – a mãe - através da ‘ilusão de onipotência’ facilitada pela ‘preocupação materna Primária’, agora a satisfação de suas necessidades ocorre através do uso de objeto transicional. Através da segurança obtida com o uso do objeto transicional a criança se encoraja à conhecer o mundo, a se relacionar com o objeto, e expressar seus conflitos internos a partir de códigos acessíveis, como por exemplo: a fala e o brincar.

O objeto transicional recebe grande investimento afetivo da criança. “é normalmente nomeado, ganha nome, vida, razão de ser. “Os pais começam a perceber seu valor e os levam junto quando viajam. A mãe deixa que fique sujo e mesmo malcheiroso, tendo o conhecimento de que se o lavar introduzirá uma quebra na continuidade na experiência do bebê” (WINNICOTT, 1992, p.232).

Sabe-se que nessa fase o bebê ainda não integrou as facetas da mãe, sendo assim ele entende a mãe como duas: a mãe boa - que satisfaz as necessidades do bebê – e a mãe má – que impõe ao filho, as regras do mundo externo. O Objeto, como representante da mãe sofre consequências desta relação,

sendo amado e/ou odiado. 'Objeto é afetosamente afagado, do mesmo modo que é amado e mutilado de uma forma excitada (WINNICOTT, 1992, p.233)

Aos poucos, conforme o bebê constrói seu suporte interno para lidar com a cisão entre realidade interna e externa, o objeto transicional passa a ser gradualmente desinvestido. Ele não é esquecido, nem lamentado, tornando-se desnecessário ao perder sua razão.

2.13 Brincar

O bebê recém-nascido vive suas primeiras semanas em 'dependência absoluta' à sua mãe. A relação entre mãe e filho nesse primeiro período é de intensa identificação; a mãe responde em prontidão e assertividade tudo aquilo que seu filho demanda. Dessa forma, o bebê, quando em 'dependência absoluta' presume que ele próprio é quem cria seu objeto de satisfação, afinal, assim que ele demanda, o objeto surge. Nessa 'ilusão de onipotência' o bebê pressupõe que ele e mãe (objeto de satisfação) são uma única unidade; para o bebê, ele se basta.

Aos poucos a realidade externa vai se apresentando, e para amortecer o impacto da desilusão da onipotência, e da angustia de se entender distinto da mãe, o psiquismo do bebê desenvolve um espaço temporal transicional que contém ao mesmo tempo as ilusões do bebê e a realidade ambiental, mesclando assim, realidade interna com a externa.

É nesse cenário que encontram-se as raízes do brincar, nele objetos/fenômenos externos ao bebê ganham características de objeto interno, ou seja, aos olhos de outro, que não o bebê, o objeto é apenas um objeto qualquer, mas para o bebê, o objeto ganha um grande importância ao tornar-se representante do objeto inicial que satisfazia a sua necessidade. O espaço transicional garante, posteriormente, ao bebê a capacidade de simbolizar.

Investir conteúdo interno em objeto externo é a síntese do brincar, assim sendo, o Brincar é uma espécie de evolução do espaço transicional, no qual, o bebê já consciente da cisão entre mundo interno e externo, brinca para viver suas experiências internas em um espaço externo em que se sente seguro. Hora, um verdadeiro ensaio para a vida social, no qual o bebê reconhece as leis externas a

ele, e experimenta, conhece e reconhece suas sensações e sentimentos frente as vicissitudes da vida. Hora ela, a brincadeira, representa cenas já experiências, afim de compreende-las e significá-las. Pode-se, então, compreender o brincar como tanto como uma expressão do mundo interno do bebê, como um ensaio à vida social.

“Supõem-se aqui que a tarefa de aceitação da realidade jamais se completa, que nenhum ser humano está livre da tensão de relacionar a realidade interna com a realidade externa. O alívio dessa tensão é oferecido por uma área intermediária da experiência que não é posta em dúvida nas artes, a religião, etc.” (WINNICOTT, 1992, p.247).

O brincar é o instrumento necessário e imprescindível na infância, pois é através dele que a criança apreende o mundo, ensaia suas atuações e elabora seus conflitos relacionais.

2.14 Verdadeiro *self*

Self é a sensação subjetiva do sentir-se alguém único. Ao nascer, o bebê tem um *self* em potencial, que só se estabelecerá, de fato, se o ambiente proporcionar subsídio para ele ser. Ele é fruto dos conteúdos inatos do bebê que se desenvolvem, apenas, na sua relação com o ambiente. “As aptidões inatas do bebê apenas passarão a fazer parte do *self*, integradas à experiências, se a mãe for capaz de ir ao encontro das necessidades do bebê” (ABRAM, 2000)

Nos primórdios da vida, o ‘ambiente suficientemente bom’ oferece resposta à onipotência do bebê, ou seja, responde às demandas da criança com assertividade e prontidão. Ela assim faz, porque intui que o bebê necessita deste suporte, devido ao frágil ego deste no início da vida. Ao oferecer à criança o suporte as suas demandas, a mãe auxilia o bebê a reconhecer e a oferecer sentido à suas primeiras experiências, “essa adaptação materna permite que o bebê venha a simbolizar e estruturar seu *self*” (ABRAM, 2000). “O verdadeiro *self* não se torna uma realidade viva, a não ser como resultado do repetido êxito da mãe em reconhecer o gesto espontâneo do bebê ou as alucinações sensoriais” (WINNICOTT, 1990b , p.145).

“A mãe suficientemente-bona é aquela que se depara com a onipotência do bebê e de algum modo dá sentido a ela. Isso é feito incontáveis vezes. Um verdadeiro *self* passa a existir através do fortalecimento do ego frágil do bebê por meio da implementação operada pela mãe de suas expressões onipotentes” (WINNICOTT, 190b, p.144).

A mãe que a princípio oferece proteção ao ego do bebê a partir do seu estado de sensibilidade - atenção materna primária - gradativamente vai desligando essa conexão identificatória, e progressivamente expõe o bebê as falhas de resposta. Nessa etapa do desenvolvimento o bebê percebe-se separado de sua mãe e pela primeira vez se depara com a realidade externa. “O verdadeiro *self* surge assim que haja uma organização mental por parte do indivíduo”, que só é possível a partir da diferenciação mãe e bebê. (WINNICOTT, 1990b, p.149). Essa diferenciação irá ressoar no indivíduo, em sua capacidade de se relacionar com pessoas e objetos externo.

É nessa trajetória, que perpassa, pela onipotência, desilusão, angústia e frustração, que o bebê, com o apoio de um ambiente suficientemente bom, desenvolve, de forma criativa, mecanismos para sobreviver, marcar seu espaço e ser um sujeito legítimo, autêntico, único e adaptado ao mundo. “O gesto espontâneo é o verdadeiro *self* em ação. Apenas o verdadeiro *self* pode ser criativo, e apenas ele pode sentir-se real” (WINNICOTT, 1990b, p.148). O verdadeiro *self* não nega a realidade para viver apenas seus desejos, ele se adapta e tem compromisso com o ambiente. É o único meio do indivíduo torna-se emocionalmente saudável.

2.15 Falso *self*

O ‘falso *self*’, também conhecido como ‘*self*-cuidador’, surge em proteção ao *self* verdadeiro. Ou seja, quando o ambiente não é capaz de compreender e responder à demanda do bebê, ou ainda, é um ambiente que impõe seu desejo sob o bebê, o ego muito frágil não consegue se desenvolver, pois em suas primeiras experiências não correlaciona seus desejos com a satisfação, desta forma o bebê cria mecanismos para se proteger do ambiente.

“A mãe insuficientemente boa não é capaz de instrumentalizar a onipotência do bebê, ela modifica os seus próprios gestos a fim de dar sentido a submissão do bebê. Essa submissão é o estagio mais precoce do Falso Self, e faz parte da incapacidade da mãe de perceber as necessidades de seu filho” (WINNICOTT, 1990b, p. 145)

Sabe-se que para que ocorra desenvolvimento emocional primitivo de forma saudável, é necessário que haja, nos primeiros meses do bebê, um adulto que possa garantir experiências de satisfação as suas demandas. Entretanto no desenvolvimento do falso-*self*, o ambiente não auxilia o bebê na sua adaptação ao mundo, ele é abrupto, é incapaz de responder as demandas do bebê e o coloca em posição de submissão e defesa. Por não conseguir se satisfazer na relação com o ambiente, as ações do bebê estão sempre como resposta ao perigo.

Sendo o *Self* resultado da relação do potencial inato do bebê com diversas experiências, quando este é mal amparado pelo ambiente expõe a criança à uma relação de desamparo muito precoce, exigindo a super-produção de defesa.

O falso *self*, em diferentes nuances, existe em todos, na medida em que ele cuida/protege a estrutura do verdadeiro *self*. O comportamento social, por exemplo, no qual muitas vezes abre-se mão do desejo para responder a uma demanda coletiva – submissão - é uma representação do falso *self*. Mas o que o torna patológico é a sua dimensão comparado ao verdadeiro *self*. “A falha ambiental pode provocar incontáveis efeitos sobre a saúde mental” (ABRAM, 2000, p.29). Quando em dimensão exacerbada e patológica, acompanha sintomas de sensações subjetivas de vazio e descontentamento. “Considerando-se que o verdadeiro *self* sente-se real, a existência de um falso *self* resulta em um sentimento de irrealidade ou de inutilidade” (WINNICOTT, 1990b, p.148).

“O falso *self* que se organiza com o intuito de ocultar o verdadeiros, e (ii) uma tentativa levada a cabo por parte do individuo de resolver um problema pessoal através do emprego de um intelecto agradável, o quadro clinico que advém daí é bastante peculiar, por ser enganoso. O mundo presencia um sucesso teórico de alto nível, e pode ter dificuldades em acreditar na aflição real do individuo que se sente como se fosse um impostor pela prosperidade obtida.” (WINNICOTT, 1990b, p. 144).

3 DISCUSÃO

Ao nascer, devido a ausência da capacidade emocional para lidar com a angústia de se reconhecer dependente, o bebê carrega a onipotência como característica constituinte. Ele tem a ilusão de ter criado tudo o que encontra. A mãe suficientemente boa entende essa necessidade e de forma intuitiva, respondendo com prontidão e assertividade às demandas do bebê.

A partir do cuidado, da conversa, e da rotina, a mãe oferece suporte emocional ao bebê que aos poucos vai reconhecendo o contorno do seu corpo, suas necessidades, o mundo a sua volta. É a partir da mãe, (ou alguém que desempenhe a maternagem) na qualidade de referencial físico e emocional, que o bebê adquire a segurança e a tranquilidade de se aventurar em seu desenvolvimento, integrando e se construindo como indivíduo.

Aos poucos o bebê vai se reconhecendo enquanto pessoa, o que implica em reconhecer-se como uma unidade distinta da unidade-mãe. A desilusão da onipotência é um período marcante no desenvolvimento emocional do bebê. Um período fundamental, para ele iniciar a distinção entre o mundo interno e o mundo externo. Agora, já mais integrado, tem a capacidade de lidar com a angústia de se compreender dependente de outrem. Ao reconhecer o ambiente como outro, que não ele, o desejo por explorar o mundo se amplia, como se pensasse:

“Já que não sou eu que crio tudo, vou atrás daquilo que me satisfaz”.

Capaz de se aventurar em um mundo além da mãe, o bebê ainda tem necessidade do amparo materno, principalmente quando sente angústia, medo e insegurança. Sua dependência já não é mais absoluta, mas ainda sim relativa.

Com o amadurecimento o bebê vai gradualmente se tornando mais capaz em suportar as falhas do ambiente e por sua vez a mãe vai se adaptando cada vez menos às necessidades do bebê. Só assim é possível que o bebê marche em direção à autonomia.

Para que a realidade abrupta do mundo externo não prejudique o psiquismo em desenvolvimento, o bebê conta com de espaço transicional como amortecedor, que nada mais é se um período no qual o bebê mescla suas ilusões com a realidade ambiental - ainda não há uma diferenciação clara entre mundo interno e externo. É

muito recorrente que nessa fase, a criança faça uso de algum objeto em especial – o objeto transicional – que aos outros de outro, que não o bebê é apenas um simples objeto, mas para o bebê aquele objeto é sua fonte de satisfação, assim como a mãe foi um dia.

Com resquício da fase transicional, o bebê aprende a simbolizar, matéria prima do brincar – uma dos principais mecanismos de expressão e ensaio para a vida social das crianças.

O desenvolvimento emocional primitivo é a base para o surgimento do ‘verdadeiro *self*’ no bebê – sensação subjetiva de ser único e autêntico – contribuindo para a formação de um sujeito capaz de adaptar as regras sociais, sem perder a sua essência. Uma pessoa com todo potencial criativo em expansão. “O desenvolvimento emocional do primeiro ano de vida lança as funções mesmas da saúde mental do indivíduo humano” (WINNICOTT, 2013a, p.5).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da revisão observa-se que a teoria de D. W. Winnicott, abrange inúmeros conceitos, vivos e dinâmicos. É possível observar que conforme Winnicott amadurece seus estudos, os conceitos vão ganhando novos significados e atravessamentos. De fato, sua obra tem uma leveza, sendo que seus escritos podem se apresentar tênues ao conhecimento comum para um leitor desavisado, entretanto sua inovação pode ser encontrada de forma muito sutil em uma leitura mais sistemática.

A inovação de sua obra, ao mostrar a importância do ambiente facilitador no desenvolvimento infantil, traz uma grande responsabilidade para todos aqueles que lidam diariamente com crianças e suas famílias. Seguramente, a teoria de Winnicott é imprescindível para a formação de profissionais que atuem na assistência materna-infantil, desta forma reitera-se a importância das aulas ministradas na pós-graduação em Atenção Integral à Saúde Materna Infantil oferecida pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, que abordem esse tema de extrema significância para atuação humana dos profissionais de saúde e educação.

Winnicott é indubitavelmente um autor de grande influência científica, no entanto suas obras foram elaboradas em uma época distinta da qual vivemos hoje, e sem dúvida o contexto social já sofreu grandes e importantes transformações. A aplicação de sua teoria deve levar em consideração essa constatação, principalmente em relação à importância da mãe, que atualmente os estudiosos da área já entraram em concordância ao admitirem que o papel da mãe não necessariamente é feito pela mãe biológica, mas também por qualquer pessoa disposta a desempenhar a maternagem de um bebê, passando pelo processo identificatório na relação com o bebê, seja um homem ou mulher a ocupar esse lugar. Eventualmente, Winnicott fez pontuações nessa direção em seus escritos.

Assegura-se, então, a importância do estudo da teoria de Winnicott dentro da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que modo que a teoria possa ser atualizada, contextualizando-a na realidade da prática profissional dos estudantes e colaboradores da instituição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAM, J. **A linguagem de Winnicott**: dicionário das palavras e expressões utilizadas por Donald W. Winnicott. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

CORDEIRO, A. M. et al. Revisão sistemática: um revisão narrativa. **Rev. Col. Bras. Cir.**, v.34, n.6, p. 428-431, 2007.

DESCARTES, R. **Discurso do método**. Coimbra, POR: Edições 70, 2008. (Textos filosóficos, n.8).

DETHIVILLE, L. **Donald W. Winnicott**: uma nova abordagem. Campinas: Armazém do Ipê, 2011.

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICANÁLISE - FEBRAPSI. Biografia. Donald Woods Winnicott. Disponível em: <<http://febrapsi.org.br/biografias/donald-woods-winnicott/>> Acesso em: 02 jul. 2017.

LAPLANCHE, J., & PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise** (P. Tamen, trad.). São Paulo: Martins Fontes, 1992

WINNICOTT, D. W. **A criança e o seu mundo**. 6.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982.

WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed, 1983.

WINNICOTT, D. W. **The child the family and the outside world**. 2a. reimp. London: Penguin Books, 1987a.

WINNICOTT, D. W. **The spontaneous gesture**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1987b.

WINNICOTT, D. W.; SHEPHERD, M.; DAVIS, M. (Ed.). **Psycho-analytic explorations**. London: Karnac Books, 1989.

WINNICOTT, D. W. **Natureza humana**. Rio de Janeiro: Imago, 1990a. (Série Analytica).

WINNICOTT, D. W. **The maturational processes and the facilitating environment**: studies in the theory of emotional development. 3a. reimp. London: Karnac Books, 1990b.

WINNICOTT, D. W. **Through paediatrics to psycho-analysis**: collected papers. 2a. reimp. London: Karnac Books, 1992.

WINNICOTT, D. W. **Explorações psicanalíticas**: D. W. Winnicott. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

WINNICOTT, D. W. **The family and individual development**. London. New York: Routledge Classics, 2006.

WINNICOTT, D. W. **A família e o desenvolvimento individual**. 4. ed. 2a. tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2013a.

WINNICOTT, D. W. **Os bebês e suas mães**. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013b.

WINNICOTT, D. W. **Tudo começa em casa**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

WINNICOTT vida e obra. Produção de Sérgio Gomes. Rio de Janeiro: UERJ, Youtube distribuidora, 2011. Filme (13min; 30seg.): som., color. Legendado. Port. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7ikDQ73J-Hk>>. Acesso em: 04 jul. 2017.

ZORNIG, Silvia Maria Abu-Jamra. Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. **Tempo psicanal.**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 2, p. 453-470, jun. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382010000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 set. 2017.